

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E  
TECNOLOGIA DE GOIÁS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO PROFISSIONAL  
INTEGRADA À EDUCAÇÃO BÁSICA NA MODALIDADE DE  
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**A LÍNGUA INGLESA NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO  
PROFISSIONAL INTEGRADA À EDUCAÇÃO DE JOVENS  
E ADULTOS E O PAPEL DO PROFESSOR NESSA  
MODALIDADE**

**ÉLCIA GUILHERME SOARES LISBOA  
ORIENTADORA: Dra. MÍRIAM FÁBIA ALVES**

Goiânia, ago./2009

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Élcia Guilherme Soares Lisboa

A Língua Inglesa no cotidiano da Educação Profissional integrada a Educação de Jovens e Adultos e o papel do professor nessa modalidade

Monografia apresentada ao programa de Pós-Graduação *Lato sensu* do Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás/CEFET-GO, como exigência parcial para obtenção do Título de Especialista em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, sob orientação da Profª Drª Miriam Fábria Alves.

Aprovada em: 28 de agosto de 2009 no Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás (CEFET-GO)

Banca Examinadora

Profª Drª: Miriam Fábria Alves

Profª Ms: Geovana Reis

**Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás e da Universidade Federal de Goiás.**

## DEDICATÓRIA

Há pessoas que se tornam parte das nossas vidas e, não por acaso, aprendemos a amá-las.

Para Julinha.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me sustentado nos momentos que pensei em desistir .

Ao programa de Pós-Graduação Lato Sensu do Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás/CEFET-GO, que através do MEC/SETEC, me incentivou.

A minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miriam Fábria Alves pela valiosa colaboração.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a importância da língua inglesa no cotidiano dos alunos da EJA integrada à EP. Bem como investigar a relação do inglês com o mercado de trabalho, com a ciência e com a tecnologia do mundo globalizado. O estudo também propõe contribuições para uma atitude crítico-reflexivo-pedagógica por parte de todos os professores de língua estrangeira (inglês) e discute o papel dos mesmos na arte de ensinar a língua estrangeira inglesa aos alunos da EJA integrada à EP, demonstrando estratégias e metodologias usadas. A pesquisa é de abordagem qualitativa, os dados foram obtidos por análise documental, revisão de literatura e observação simples do cotidiano de nove turmas da EJA integrada à EP, da Escola Municipal Osterno Potenciano e Silva, durante as aulas de inglês no período de 2005 a 2008. Esse estudo visa contribuir para formação de professores e alunos críticos, criativos e aptos a tomar decisões que possam modificar o meio social em que vivem.

Palavras-chave: Professores – Língua estrangeira (inglês) – Alunos da EJA integrada à EP

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>A ARTE DE ENSINAR LÍNGUA INGLESA .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA A</b>	
<b>EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS .....</b>	<b>24</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

A crença de que alunos são desinteressados e não têm iniciativas de aprendizagem em língua estrangeira é tradicional e vem sendo repassada de geração para geração nas escolas, inconscientemente, por hábitos e atitudes sociais. Isso acontece também com os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a qual engloba jovens e adultos que não tiveram acesso, continuidade, ou oportunidades educacionais apropriadas de estudos na idade própria no ensino fundamental e médio, e que não compreendem a inserção de outra língua, a não ser a materna, no seu currículo de ensino.

Segundo Santos (2007), a Educação para [Jovens](#) e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino da rede pública no Brasil, com o objetivo de desenvolver o ensino fundamental e médio com qualidade, para as pessoas que não possuem idade escolar e oportunidade. Essa iniciativa faz parte das várias pesquisas financiadas pela coordenação Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de [Nível Superior](#) (CAPES) até 2009. Os alunos da EJA são geralmente trabalhadores/as, empregados/as e desempregados/as que não tiveram acesso à cultura letrada.

Ainda, Santos (2007) defende que os educadores para fazerem parte do corpo docente do EJA devem ter uma formação inicial, além de contribuir de forma relevante para o crescimento [intelectual](#) do indivíduo, realizando o exercício de cidadania.

Para tanto, a Equipe da Divisão de Educação Fundamental de Adolescentes, Jovens e Adultos da Secretaria Municipal de Educação (GOIÂNIA, 2005), de acordo com a Proposta Político-Pedagógica da EAJA, a aprendizagem de uma língua estrangeira, além de ser direito básico de todas as pessoas, pode responder às necessidades individuais e sociais, bem como é uma forma de inserção do educando no mundo do trabalho, pois os cursos destinados à educação de jovens e adultos devem oferecer a quem os procura a possibilidade de desenvolver as



competências necessárias para a aprendizagem dos conteúdos escolares, bem como a possibilidade de aumentar a consciência em relação ao estar no mundo, ampliando a capacidade de participação social, no exercício da cidadania.

Quanto ao papel dos educadores na formação pessoal e educacional do indivíduo, BUFFA Itaú. (2002), embasados na teoria de Gramsci, afirmam que o grande desafio do educador é formar cidadãos, pois o educando é um sujeito social que adquire conhecimento enquanto atua no grupo social que pertence, ou seja, estando em movimento de constituição dele próprio como sujeito e como cidadão e não apenas ensinar a teoria dos livros. O mundo atual é homogeneizado, integrado, o aspecto multidisciplinar de ensino deve ser considerado, e o inglês não foge dessa regra. A globalização exige que além de pessoas com conhecimento teórico sejam capazes de interagir esse aprendizado e reverter em ações sociais. Assim, os professores devem redefinir seus papéis atuais para poderem cumprir seus deveres como críticos e intelectuais engajados na sala de aula (ensinar a teoria) e incentivar um movimento maior pela mudança social.

Portanto, se o objetivo do educador é formar indivíduos que sejam capazes não só de compreender melhor o mundo, mas de fazer parte de forma efetiva dele, o estudo de uma língua estrangeira moderna, no caso em questão, a língua inglesa, tem um papel fundamental, uma vez que contribui para ampliação das relações dos educandos com os discursos reais em formas de textos, presentes no mundo. Assim, de forma oral, escrita, visual ou auditiva, o aluno poderá utilizá-la em diferentes situações, inclusive no trabalho.

Para realizar esses objetivos citados a cima, o estudo da linguagem é um valioso instrumento. Qualquer aprendizagem só é possível por meio dela, já que é com a linguagem que se formaliza todo conhecimento produzido nas diferentes disciplinas e que se explica a maneira como o universo se organiza. O estudo da linguagem verbal traz em sua trama tanto a ampliação da modalidade oral, por meio de processos de escuta e de produção de textos falados, como o desenvolvimento da modalidade escrita, que envolve o processo de

leitura e o de elaboração de textos. Além dessa dimensão mais voltada às práticas sociais do uso da linguagem, envolve, também, a reflexão acerca de seu funcionamento, isto é, dos recursos estilísticos que mobiliza e dos efeitos de sentido que produz. Participamos de um mundo que fala, escuta, lê, escreve e discute os usos desses atos de comunicação. Para compreendê-lo melhor, é necessário ampliar competências e habilidades envolvidas no uso da palavra, isto é, dominar o discurso nas diversas situações comunicativas, para entender a lógica de organização que rege a sociedade, bem como interpretar as sutilezas de seu funcionamento. (RIBEIRO, 1999).

Vale ressaltar que os autores da Proposta Político-Pedagógica da EAJA afirmam que no contexto da EJA, é importante valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, pois a partir daí poderão construir concepções mais elaboradas e um estudo mais voltado aos interesses dos mesmos. Além disso, eles devem, desde o início dos estudos, serem estimulados a ler, discutir e relatar verbalmente hipóteses e concepções levantadas. Assim, o curso de línguas para alunos de EJA deve, em primeiro lugar, servir para reduzir a distância entre estudante e palavra, procurando anular experiências traumáticas com os processos de aprendizagem do inglês. Deve ajudá-los a incorporar uma visão diferente da língua –alvo (língua que a pessoa está aprendendo, em oposição a língua materna) para continuarem motivados a ler, isto é, compreender o discurso do outro, interpretar pontos de vista, assimilar e criticar as coisas do mundo. Deve, também, fortalecer a voz dos muitos jovens e adultos que retornam à escola para que possam romper os silêncios impostos pelos perversos processos de exclusão do próprio sistema escolar, capacitando-os a produzirem respostas aos textos que escutam e lêem, pronunciando-se oralmente ou por escrito.

Moita Lopes (2005), afirma que ao brasileiro precisa ser dada a oportunidade de conquistar o direito de usar a língua inglesa como uma língua comum, por meio da qual ele possa ler o mundo criticamente e participar de sua construção: inglês é um bem simbólico valorizado no Brasil e em grande parte do mundo, tendo em vista o papel que tal língua desempenha como meio e comunicação planetário. Rajagopalan (2005)

discute “a invasão da língua inglesa (LI) na vida de todos os seis bilhões – sem exceção - de seres humanos que habitam o planeta”. Dentro dessa realidade lingüística, atualmente, “perto de 1,5 bilhão de pessoas no mundo já possui algum conhecimento da LI e/ou se encontra na situação de lidar com ela no seu dia-a-dia” (RAJAGOPALAN, 2005, p.149). Assim, “o inglês está um pouco presente em todos os lugares do mundo” (RAJAGOPALAN, 2005, p.16).

Ainda ressalta que o inglês tem função de colaborar na construção da vida contemporânea, pois nos expõem a multiplicidade dos discursos que constroem a experiência humana, podendo colaborar também na construção de uma consciência crítica em relação à linguagem no uso da língua materna.

As relações entre educação e trabalho com base nas novas necessidades postas pela atualidade e esferas societárias devem ser levadas em consideração, como defende Miguel G. Arroyo (1999). Exemplificando isso, Ana Paula Ruiz, em 2001, trabalhou essa questão da importância do idioma na carreira profissional, evidenciando em pesquisas quantitativas que “falar um idioma fluentemente já não é mais um diferencial profissional, mas sim um pré-requisito para quem busca uma vaga no mercado de trabalho ou pensa em crescer profissionalmente.” Ainda, a coordenadora do Departamento de Inglês da [Associação Alumni](#), Marie Ryan, afirma que, do jeito que o mundo está caminhando para a globalização, o profissional deve ter, no mínimo, conhecimentos de Inglês para garantir seu lugar no mercado de trabalho. “O Inglês é um idioma conhecido em qualquer lugar do mundo. Até na China e no Japão se fala Inglês. Daí a importância de todas as pessoas, inclusive os jovens, conhecerem bem o idioma” (RUIZ, 2001).

Assim, este trabalho tem por objetivo analisar a importância da língua inglesa para os alunos da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos, no sentido de investigar os motivos de se trabalhar esse idioma com os estudantes dessa modalidade de ensino, analisando a relevância de uma língua estrangeira na vida cotidiana dos mesmos. Para isso, procura-se relacionar o inglês com o mercado de

trabalho, com a ciência e a tecnologia, conduzindo ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva.

Além disso, discutiremos o potencial da educação desenvolvida por professores de língua inglesa na Educação de Jovens e Adultos como modificadora da cultura a qual está designada pelos mesmos, em relação aos aspectos de aprendizagem, o próprio papel do educador e sua pedagogia de ensino na EJA, a relação professor-aluno, e a questão de até onde se estenderia a capacidade de escrita e leitura em língua estrangeira para esses alunos, considerando o grande desenvolvimento tecnológico, sobretudo na área da comunicação (satélites, internet, descoberta da fibra ótica), que permite o contato com o “mundo” sem sair de casa, tendo em vista a segunda língua: inglês, base da inserção dos alunos da EJA no processo de globalização.

A pesquisa do presente trabalho surgiu a partir da experiência vivenciada em sala de aula, a qual tem permitido notar o desinteresse por parte dos alunos nas turmas da EJA acerca do estudo de uma língua estrangeira. Ao mesmo tempo, contrastar a dificuldade que muitos educadores têm para desenvolver um trabalho de conscientização dos sujeitos da EJA sobre a relevância de se estudar uma segunda língua, diferente da sua materna, bem como a necessidade da mesma no mundo atual e sua contribuição para formação de seres sociais, preparados para o mercado de trabalho.

Basicamente, o tema se torna relevante pelo fato de apontar a verdadeira necessidade do conhecimento da língua inglesa na vida cotidiana dos alunos da EJA integrada à EP, e também, demonstrar e exemplificar as estratégias e metodologias utilizadas pelos professores desse programa (EJA) que permitem despertar o interesse dos alunos para uma língua estrangeira e relacionar sua aplicação no mercado de trabalho, já que boa parte dos alunos integrantes da EJA faz parte da classe trabalhadora.

Pode-se perceber que o uso do inglês é um dos meios mais rápidos de inclusão e ascensão social, e quem se recusa a adquirir um conhecimento mínimo dessa língua, corre o risco de perder espaço no mercado de trabalho. Assim, esse é o principal argumento utilizado para a

conscientização por parte dos alunos da EAJA e EP, de que, mesmo que eles recusem a acreditar, o “inglês”, já faz parte do cotidiano dos mesmos.

Então não é necessário responder se estudar inglês é importante, pois a resposta está no *play* do controle dos aparelhos eletrônicos, no *rap* das paradas de sucesso, nos *e-mails* que eles acessam, no *jeans* que vestem, no hambúrguer que comem, e numa infinidade de palavras da língua inglesa que já entraram e foram adaptadas ao vocabulário dos brasileiros.

Com base nestes pressupostos e visando contribuir para a formação de seres críticos, criativos e aptos a tomar decisões que possam modificar o meio social em que vivem que é o objetivo real e último de toda educação, essa pesquisa foi desenvolvida, constituindo-se de uma pesquisa teórica de abordagem qualitativa, sendo que os dados foram adquiridos por análise documental, revisão de literatura e observação simples do cotidiano dos alunos da integrada EJA/EP da Escola Municipal Osterno Potenciano e Silva, durante as aulas em sala de aula de inglês, ministradas no período de 2005 a 2008. Foram observadas três diferentes turmas por ano, totalizando nove turmas no final deste período. Os dados coletados serão descritos em forma de comparação com outros estudos relatados na literatura tendo base o mesmo tema.

Nesse sentido, esse trabalho se organiza em dois capítulos. No primeiro capítulo “A arte de ensinar língua inglesa” irá discorrer sobre o potencial pedagógico do professor da língua estrangeira na EJA, bem como o que ele pode fazer para que seu ensino seja reconhecido, ético, democrático e interessante. E o segundo capítulo, “Língua Inglesa na Educação Profissional integrada a Educação de Jovens e Adultos”, tem como problema a importância da inserção da língua estrangeira na EJA integrada à EP, voltada ao mercado de trabalho.

## CAPÍTULO I

### A ARTE DE ENSINAR LÍNGUA INGLESA

Esse capítulo discutirá o papel do professor de Língua Inglesa na EJA e o que ele faz para tornar seu ensino uma arte, de maneira inclusiva, ética e democrática. Assim, de maneira a refletir sobre a necessidade de uma prática pedagógica adequada ao ensino do inglês na EJA por parte dos educadores, o capítulo irá propor mudanças de atitude e postura profissional que levem em consideração os aspectos políticos de se ensinar e aprender uma língua mundial, apontará o desenvolvimento da consciência cultural crítica como uma alternativa para atingir tal objetivo.

A Língua Inglesa (English, English language) é uma língua indo-européia que pertence ao ramo ocidental da família germânica originando-se na Inglaterra. É a primeira língua para muitas pessoas no Reino Unido, nos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, República da Irlanda e no Caribe Anglófono. É usada extensivamente como uma segunda língua e como língua oficial através do mundo e em muitas [organizações internacionais](#), sendo uma das seis línguas oficiais das [Nações Unidas](#).

Rajagopalan (2005) explica que a língua inglesa é um grande negócio no Brasil, assim como nos demais países da América Latina e, pensando bem, no resto do mundo. Esse sucesso tem raízes na “geopolítica do inglês”, que é um reflexo do triunfo político, econômico, cultural dos povos de língua inglesa e um meio de aumentar sua influência pela difusão da língua.

Definindo melhor a idéia de Rajagopalan (2004), as línguas têm a sua geopolítica.

No caso da língua inglesa, ela apresenta características notáveis: nenhuma outra língua goza de difusão planetária semelhante, nem é dotada de tamanho poder de sedução sobre vastas categorias

populacionais no mundo, sedução que tende a se traduzir cada vez mais em dominação. É o neo-imperialismo “made in USA” em versão lingüística.

Língua de povos e de Estados invictos, o inglês é a língua do triunfo militar, do êxito político-econômico, do sucesso literário, comercial, midiático, além de ser a língua da indústria do entretenimento.

Com a grande expansão e a consolidação do domínio do inglês como língua mundial, os professores de língua inglesa que trabalham em ambientes monolíngües e monoculturais como as salas de aula brasileiras, numa freqüência cada vez maior, se colocam como uma elite de profissionais, integrantes de um clube fechado que se mostram alheios às verdadeiras implicações, principalmente ideológicas, que cercam o ofício que abraçam, pois de forma imposta ou não, são sucumbidos à ditadura do livro didático (embora não em todos os contextos) e, juntamente com seus autores, em grande parte estrangeiros, enfatizam os aspectos (normalmente, os positivos) da língua e cultura estrangeiras, sem sequer tentar promover a importantíssima relação dialógica entre cultura alvo e cultura materna. Assim, ao se adotar (mesmo que inconscientemente) ou se deixar levar por essa prática, fomentam a já antológica alienação cultural do professor não-nativo de inglês que, não raramente, é estereotipado como americanófilo, apolítico, acrítico e reacionário (COX e ASSIS-PETERSON, 1999).

De acordo com o dicionário Aurélio, ser um alienado é ser um cedido, vendido, alheado. Em tese, quem não é alienado, é crítico, assume uma postura política diante de sua prática. Siqueira (2005) defende a idéia de que não é novidade no meio de ensino de inglês como língua estrangeira abater-se uma crítica vigorosa diante da postura supostamente alienada e apolítica da maioria dos professores, onde a glorificação de culturas estrangeiras, principalmente as culturas americana e britânica, se tornou uma máxima.

Para completar essa teoria, Moita Lopes (2003), analisa a alienação e o ensino de inglês como língua estrangeira (LE), fazendo um contraponto com o ensino de cultura. Em suma, o estudo de Moita Lopes aponta claramente para uma certa alienação do professor brasileiro de

inglês e uma quase adoração pela(s) cultura(s) de língua inglesa. O segundo estudo, conduzido por Cox e Assis-Peterson (2001), analisou as respostas de vinte professores mato-grossenses por elas entrevistados. No bojo da discussão, as pesquisadoras provocam uma reflexão importante ao assinalarem que para muitos desses professores, *crítico* se opõe a *mecânico*.

Em outras palavras, a dimensão do que é ser crítico na concepção de Cox e Assis-Peterson (2001), não vai além dos procedimentos e técnicas corriqueiras de sala de aula, perpassando por uma pedagogia aparentemente limitada e neutra: “Pedagogia crítica é você pensar: ‘Hoje minha aula não foi bem’... é isso, é o dia a dia que te incomoda no sentido positivo, te faz pesquisar, refletir sobre a sua própria ação” (Cox e Assis-Peterson, 2001, p.27). Respostas como esta, mostram certo desconhecimento do que significa ser crítico, mas não necessariamente confirma a adoção de uma postura consciente e deliberada de alienação. As autoras postulam que “a dimensão política do ensino de uma língua estrangeira é a grande ausência nessa concepção da pedagogia crítica” (Cox e Assis-Peterson, 2001, p.27), o que, fatalmente, desemboca numa certa neutralidade do professor de inglês. De acordo com Moita Lopes (2003), o docente está acostumado a ver o seu trabalho como uma atividade não-política, desprovida de valores ideológicos, muito mais ligada a metodologias pré-fabricadas importadas de países centrais. Pode-se argumentar que ainda regemos nossas classes como verdadeiras ilhas da fantasia, promovendo o que se chama de uma *falsa felicidade*, criando artificialmente um ambiente idealizado, onde professores e alunos compartilham do belo, do fantástico, de um mundo perfeito em que o veículo de comunicação é a língua mais falada do planeta, a língua da aproximação com os valores globais que reinam na TV, no rádio, nas músicas, nos filmes, nos anúncios, nas propagandas, a Língua “do futuro promissor” e da inclusão no novo mundo tecnológico.

Desta forma, cada vez mais, pode-se perceber que são escassas as salas de aula de inglês como língua estrangeira, em que a dimensão política, principalmente no que se refere à preservação e afirmação da identidade e dos direitos lingüísticos e culturais, é levada em conta,



debatida e cultivada. É nessa linha de raciocínio, então, que Siqueira (2005) questiona de que forma os professores de língua estrangeira podem sair da zona de conforto, reagir a essa situação de apatia e aparente neutralidade e preparar os alunos para o confronto com a língua e a cultura do outro.

Na sociedade do conhecimento e da tecnologia da informação, em que vivemos, o aprendizado de línguas estrangeiras e a ampliação do próprio espaço cultural, são necessidades incontestáveis para a formação de um profissional crítico diante dos novos desafios do mercado de trabalho. Para responder a essas necessidades, a sala de aula de língua estrangeira é, geralmente, vista como o espaço formal adequado para que os aprendizes desenvolvam a competência de uso da nova língua. Por tratar-se de processo tão valioso, os profissionais do ensino de línguas, devem se preocupar com o estabelecimento de atitudes e procedimentos que possam contribuir para uma atuação otimizada no processo.

Isso significa que o contexto atual no qual se insere a formação de professores de Línguas Estrangeiras tem exigido a preparação de um profissional com diversas habilidades e competências que o capacitem a desenvolver uma prática pedagógica crítico-reflexiva, isto é, uma prática voltada para a otimização dos processos de ensinar e aprender línguas. É necessário que esses profissionais tenham mais do que o conhecimento da língua-alvo (proficiência), pois tais recursos demonstram ser insuficientes para um ensino eficaz. Assim, “tanto o professor de inglês quanto os demais professores precisam ter em mente que a educação deve oferecer ao indivíduo possibilidades para ele pensar em transformar o mundo de modo a poder agir politicamente” (MOITA, 2003, p.53).

Assim como fica o papel do professor de inglês, principalmente do EJA? O que ele pode fazer para que seu ensino seja inclusivo, ético e democrático, bem como compreensivo e interessante?

É necessária a percepção aguçada por parte do corpo docente da integrada EJA/EP para relevar os aspectos sócio-históricos-culturais relativos ao mundo contemporâneo, afinal, professores envolvidos com educação lingüística ou se marginalizam, sem nenhuma conexão com

questões políticas e sociais ou se tornam profissionais engajados na vida política e social justamente por trabalharem com linguagem, sendo críticos e intelectuais, como sugere a teoria de Damianovic, reafirmada por Moita Lopes (2005).

A análise feita por Gasparini (2005) permitiu identificar sentidos atribuídos por alunos que configuram o ensino/aprendizagem de inglês no contexto escolar como *verdade*, como *evidência*, o que aponta para o funcionamento da ideologia no discurso. As supostas verdades produzidas pelos alunos configuram o ensino de inglês na escola como *evidentemente* ineficiente, enquanto que os cursos livres de idiomas aparecem configurados como os únicos lugares onde é possível aprender língua inglesa. Por outro lado, Gasparini (2005) identificou também uma produção de sentidos que configura o professor de inglês como alguém que *tudo pode*, como se fosse possível a ele garantir uma aprendizagem efetiva da língua na escola de ensino médio e fundamental.

Nesse estudo (GASPARINI, 2005), baseado nas narrativas de alguns alunos, foi possível perceber que eles concebem a escola pública e o curso de idiomas como lugares dicotômicos. Em um, é possível aprender. Em outro, não. Dessa forma, eles confirmam também um discurso presente em nossa sociedade que coloca sempre o ensino de inglês na escola pública em comparação com a “‘qualidade’ dos cursos de idiomas da iniciativa privada” (BARCELOS, 2006).

Para a maioria dos alunos, a experiência de aprendizagem em escola pública é caracterizada com ruim e desmotivante. As razões fazem alusão a vários fatores, tais como problemas pedagógicos, (des)-motivação, (não) uso da língua e falta de competência dos professores. Além disso, o professor das escolas regulares é caracterizado como alguém que “não ensina e não se importa com a aprendizagem de seus alunos” (GASPARINI, 2005).

Talvez o problema esteja relacionado com o fato de *inglês* ser apenas mais uma *matéria*, já que ela não estudou, leu, ouviu ou falou inglês, mas sim português. A não reprovação dessa disciplina nas escolas

pode ser mencionada também como um motivo que contribui para essa visão de inglês como apenas um ornamento na grade curricular.

A explicação para a não-aprendizagem, de acordo com alguns alunos em suas narrativas, tem a ver com a falta de material, memorização e o ensino de gramática somente. Por esses motivos, a escola pública é caracterizada por Barcelos (2006) como o lugar onde a aprendizagem de inglês não acontece e para a maioria dos alunos, o curso de idiomas é o lugar por excelência onde se aprende inglês.

O que essa análise das narrativas dos alunos, feitas em pesquisa por Gasparini (2005) nos diz sobre suas experiências e crenças a respeito de aprendizagem de línguas? Em primeiro lugar, as narrativas sugerem que esses alunos não acreditam que a escola pública seja o lugar onde se aprende inglês. Suas experiências nesse local não são caracterizadas como boas e como promotoras de aprendizagem da língua, embora para alguns, essa tenha sido a mola propulsora para que eles se tornassem mais responsáveis por sua aprendizagem. Os resultados deste estudo confirmam a idéia de Grigoletto (2003 apud Gasparini 2005): para os alunos a aprendizagem de inglês acontece fora da escola pública, porém contradiz o estudo de Coelho (2005), o qual apresenta relatos de alunos descrevendo que a escola pública é o único local que eles têm para aprender inglês. Ao mesmo tempo, o desejo de falar a língua é transparente nas narrativas desses alunos. Isso nos leva a pensar em sugestões, como as feitas por Paiva (2005), para que não se ensine apenas leitura em escolas públicas: os profissionais da área de línguas estrangeiras ouçam as vozes de seus alunos. Se assim o fizerem, poderão propiciar experiências mais significativas e prover as condições necessárias para que os aprendizes tornem-se cada vez mais autônomos e capazes de aproveitar as oportunidades de aprendizagem ao seu redor, fazendo assim emergir novos padrões internos de organização no seu sistema de aprendizagem (PAIVA, 2005).

Assim, primeiramente, é essencial que os professores, discutam com seus alunos questões ideológicas ligadas ao ensino da língua inglesa, pois para acabar com os mitos existentes entre as classes populares de que em escola pública “os alunos não sabem nem

português, quem dirá irão aprender inglês”, e que professor de escola pública não é competente para ensinar línguas estrangeiras, afinal, professores com dupla licenciatura (português-inglês) “completam sua carga didática com *aulinhas* de inglês”. A outra inverdade que é somente “em curso livre que se aprende língua estrangeira” e que inglês “é coisa de rico” (PAIVA, 1997). E, assim como aprender uma língua internacional exige uma nova postura dos aprendizes, o mesmo pode ser dito em relação aos professores, principalmente no tocante ao ensino de cultura.

Os professores de língua devem ter o máximo interesse no estudo de cultura não porque querem necessariamente ensinar a cultura de outro país, mas porque, em tal contexto, é uma obrigação fazê-lo (FIGUEIREDO, 1997). Se, ensinam uma língua, e em paralelo não ensinam a cultura na qual ela opera, estarão ensinando símbolos desprovidos de significado ou símbolos aos quais o aluno associa significados distorcidos ou equivocados, e daí vem as críticas das “aulinhas” de inglês dadas para encher janelas de outras aulas, ou aumento de carga horária dos professores (BROOKS, 1964 apud FIGUEIREDO, 1997).

Os professores que elaboram e trabalham com conteúdos culturais nas suas aulas, certamente, enxergam nesses materiais um fator de motivação extra para os seus alunos de Língua Estrangeira, em especial aqueles de inglês (McKAY, 2001 apud SIQUEIRA, 2005). Entretanto, à medida que a língua inglesa assume o papel de uma língua internacional, surge a questão sobre qual cultura se deve ensinar e como se deve abordar o tema na sala de aula: a sala de aula precisa se transformar na arena onde tal discussão possa se realizar e a relação língua-cultura possa fluir de maneira dinâmica e significativa. Como enfatiza Siqueira (2005), é necessário ensinar língua como cultura, de maneira ampla e crítica. O caminho que se abre nesta direção, sem que se abandone o exercício salutar de confronto entre culturas, converge exatamente para o desenvolvimento da consciência cultural crítica do professor que, ao exercê-la de forma sistemática, naturalmente, levará o seu aluno junto nessa viagem.

Porém, ensinar uma língua estrangeira nunca foi algo simples. Ainda mais uma língua internacional que carrega no seu bojo valores imperialistas e poderosos como o inglês dos tempos atuais. Mota (2004) alivia essa tensão propondo uma abordagem multiculturalista e anti-mimetista para o ensino de línguas estrangeiras. Devidamente atendida com os movimentos emergentes em muitas partes do mundo, onde têm aflorado reações à homogeneização e hibridização culturais promovidas pela globalização, a autora defende uma pedagogia de Língua Estrangeira calcada em currículos multi-referenciais que incorporem discursos historicamente silenciados e que valorizem a voz do sujeito/professor e do sujeito/estudante (MOTA, 2004). Isto é, uma prática pedagógica voltada para o respeito da cultura e da identidade, para o desenvolvimento da consciência crítica, tanto do aluno quanto do professor, e que os faça refletir sobre suas histórias, seus relatos pessoais, a multiplicidade de identidades e suas possibilidades de transformação social (SIQUEIRA, 2005).

Alguns estudos têm mostrado que o ensino de inglês na escola regular está longe de atender a essas necessidades. Walker (2003, p. 47 *apud* BERNARDO, 2008) diagnostica a situação do ensino de inglês na escola pública como sendo um “quadro desolador”. Batista (2003, p. 14 *apud* BERNARDO, 2008) acrescenta: “[...] há problemas no ensino de LE, tanto em nível de ensino básico como em nível superior [...]”. Alguns livros específicos para professores de língua inglesa apontam como causas para a ineficiência do ensino/aprendizagem de inglês todos os fatores que já foram citados: (des)motivação, recursos didáticos escassos, classes numerosas, pouca qualificação docente, utilização de metodologias inadequadas e a condição sócio-cultural do aluno, dentre outros.

É inegável a interferência de fatores dessa ordem no processo de ensino/aprendizagem de um idioma estrangeiro, mas alguns destes livros assemelham-se a manuais de técnicas de ensino, atribuindo direta ou indiretamente ao professor, através da aplicação ou não de determinadas metodologias, uma responsabilidade unilateral quanto ao sucesso ou insucesso de seus alunos.

É realmente preocupante a situação do ensino/aprendizagem de inglês na escola pública, visto que a maioria dos alunos, ao final de sete anos de estudo, parece estar estudando inglês pela primeira vez. No entanto, apesar de todos os fatores adversos para o ensino de inglês e seu aprendizado efetivo, alguns alunos aprendem. Esta constatação, derivada da prática docente, motiva a compreensão de qual relação os alunos estabelecem com o “saber”; de como esses alunos vêem esse idioma considerado “importante” por outros, a exemplo dos adultos e da mídia; que sentido esses alunos atribuem ao aprendizado de uma língua estrangeira; como os alunos vêem o papel da língua inglesa no mundo atual.

Como foi dito, a sala de aula de LE é uma arena privilegiada para tal tarefa. Assim, o papel do professor é pensar em igualdade, confronto saudável de culturas, em uma pedagogia voltada também para a positividade e para a paz. É o que alerta Vasconcelos (2001, p.157), “não adianta o professor fazer uma série de atividades diferentes se não mudou a postura”. Será o novo feito com o espírito velho, uma prática desprovida de reflexão, enfim, um processo igualmente alienado. Ao professor tem que ser dada a chance de mudar, mas ele também precisa querer mudar, uma vez que não se constrói um sujeito crítico; ele faz-se crítico por sua própria e vontade única.

O professor, muitas vezes, diz: “Não sei o que fazer com esse sujeito, eu trabalho com ele, mas ele não aprende” (BIARNÉS, 1998). Principalmente quando se trata de outra língua que não seja a materna do aprendiz. Se observarmos, o educador não trabalha com o sujeito. Ele dá a atividade e deixa que ele resolva sozinho. Se o sujeito não sabe, ele não vai fazê-la. Então cabe ao educador intervir naquele “fazer”, para que ele consiga aprender a fazer e não fazer para ele. O planejamento com os outros professores de outras disciplinas também é crucial para o aprendizado do aluno na língua inglesa, para que haja debates, conselhos de classe e discussões produtivas sobre o crescimento pessoal do aluno. Educação é algo múltiplo, bem como permanente, a fim de construir os saberes e proporcionar o aprendizado coletivo.

O aluno é sujeito e não objeto do processo educativo, o que afirma sua capacidade de organizar a própria aprendizagem em situações didáticas planejadas pelo professor, num processo interativo, partindo da realidade desse aluno. Freire (1996) propõe uma posição horizontal (ao contrário da relação vertical, em que o professor impõe sua visão de mundo), de igualdade, favorecendo o diálogo entre sua visão de mundo e do aluno, problematizando a realidade e se problematizando. Nessa troca, com esse diálogo é que se efetiva o conhecimento.

O processo educativo não se caracteriza pelo recebimento, por parte dos alunos, de conhecimentos prontos e acabados, mas pela reflexão sobre os conhecimentos que circulam e que estão em constante transformação, segundo a proposta freiriana. Professores e alunos são produtores de cultura.

Os alunos da EJA, quando chegam à escola, trazem consigo muitos conhecimentos, que podem não ser aqueles sistematizados pela escola, mas são “saberes nascidos dos seus fazeres” (BRASIL, 2002). Esses saberes devem ser respeitados pelo professor de inglês como ponto de partida para a aquisição de outros.

Um aspecto de grande destaque na obra de Paulo Freire (1996) é a afirmação da educação com caráter emancipatório, libertador, problematizador da realidade, no sentido oposto ao de uma educação para a submissão. Ele chama a atenção para o fato de que a educação sistemática, numa sociedade repressiva, age como instrumento de controle social e de preservação dessa sociedade.

Entendemos que na EJA, sejam cruciais os projetos pedagógicos que buscam aproximações entre as disciplinas para possibilitar aos estudantes uma melhor identificação entre o vivido e o estudado e ir ao encontro da construção de um saber socialmente construído e não compartimentado. Aproximações entre as disciplinas escolares também pressupõem uma atitude filosófica por parte dos educadores. Dissolver as amarras que separam as matérias e transcender a problemática própria de cada uma requer um direcionar-se para a essência, para o lugar onde as disciplinas nascem, para a natureza do conhecimento que produzem, a

caminho de um melhor entendimento da realidade que elas nos fazem conhecer (ALVARES, 2006).

Contudo, vivemos numa nova ordem mundial em que os professores de língua estrangeira ensinam uma língua de alcance planetário representada fortemente por uma cultura hegemônica. Ele faz com que as pessoas não se tornem pessoas isoladas do contexto mundial, e como o mundo se tornou uma aldeia global e o inglês cada vez mais está invadindo as áreas da cultura brasileira, o papel do professor de inglês na sociedade também é instrumentalizar o aluno para que ele possa entender e interpretar música, outdoors, propagandas, silks de camisetas, etc, já que nossa sociedade sofre tal influência da língua inglesa.

Portanto os professores de inglês contribuem excessivamente nesse processo, e para seguirem adiante, plenamente conscientes de que estão contribuindo para o desenvolvimento da humanidade, precisam, como recomenda Rajagopalan (2001), se livrar do complexo de culpa de que estão a serviço de alguma força imperialista. Se ainda temos exemplos de docentes de inglês que encampam uma postura neutra, apolítica, acrítica e alienada na condução de seu ofício, que sejam então convidados a se transformar não a partir da censura aberta e recriminatória, mas através do acolhimento e da reflexão. Como categoria profissional, os professores precisam se reciclar não apenas em técnicas de sala de aula, mas, principalmente, no tocante à sua formação geral que, a cada dia que passa, torna-se mais multi-facetada. Assim, com certeza, os educadores da EJA serão capazes de derrubar os rótulos que porventura ainda os perseguem e, sem culpa alguma, contribuir para formar os cidadãos críticos que o mundo atual tanto necessita e carece.



## **CAPÍTULO II**

### **LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Neste capítulo, será abordada a relação da língua inglesa com a vida profissional dos alunos da EJA integrada à EP, analisando a relevância de uma língua estrangeira na vida cotidiano desses jovens e adultos.

O estudante de EJA é portador, basicamente do conhecimento adquirido do trabalho. Geralmente, os jovens e adultos que estudam à noite são trabalhadores e, principalmente, começaram a trabalhar muito cedo. As mulheres, por exemplo, desde crianças, já tomavam conta de irmãos menores e da casa, desenvolveram, portanto, conhecimentos básicos sobre educação, saúde, nutrição e higiene. Muitos dos homens, provenientes de áreas rurais do país, possuem conhecimentos ligados ao cultivo da terra, à criação de animais, aos ciclos da natureza: clima, estações do ano, períodos de chuva e de seca, etc. Outras profissões bastante encontradas entre os homens, principalmente nos que freqüentam escolas dos centros urbanos, são aquelas ligadas à área da construção civil: pedreiros, eletricitistas ou pintores. Os conhecimentos advindos do trabalho são frutos da ação humana sobre instrumentos, que atuam como objetos sociais que medeiam a relação entre o indivíduo e o mundo (ALVARES, 2006).

Vale lembrar que o trabalho exerce um papel crucial para a espécie humana, pois é justamente a atividade do trabalho que assinala a evolução do macaco para o homem, representando o processo básico

que vai diferenciar a humanidade dos animais. É justamente o trabalho que designa o domínio da natureza pelo homem (VYGOTSKY, 1993).

Para a psicologia, o trabalho também aparece como uma marca da evolução humana, pois exige do indivíduo controle sobre o próprio comportamento. O trabalho, pela ação transformadora do homem sobre a natureza, une homem e natureza, cria a cultura e a história humanas. No trabalho, desenvolvem-se, por um lado, a atividade coletiva e, portanto, as relações sociais, e, por outro lado, a criação e utilização de instrumentos. (OLIVEIRA, 1993)

Segundo Álvares (2006), o saber cotidiano não é necessariamente um saber utilitário, desenvolvido para atender a uma demanda imediata do sujeito e sim um saber reflexivo, pois é um saber da vida vivida, saber amadurecido, fruto da experiência, nascido de valores e princípios morais já formados fora da escola.

O saber cotidiano possui uma concretude, origina-se da elaboração de soluções que foram criadas pelo adulto para os inúmeros desafios que enfrentou na vida, caracteriza-se como um saber aprendido e consolidado em modos de pensar originados do dia-a-dia. Esse corpo de conhecimentos, fundado no cotidiano, é uma espécie de saber das ruas, um saber empírico, freqüentemente assentado no "senso comum". É também um conhecimento elaborado, mas não sistematizado, e pouco valorizado no mundo urbano da leitura e da escrita, porque se contrapõe ao conhecimento letrado com que a escola lida e, associado ao fator econômico, reforça a desigualdade social, conferindo uma marca distintiva às classes pobres.

Os conhecimentos prévios de um adulto, portanto, estão diretamente relacionados às suas práticas sociais. A aprendizagem escolar, ao promover um conhecimento legitimado pela sociedade, só se torna significativa para esse aluno se fizer uso de e sancionar seus próprios saberes, se produzir saberes novos que façam sentido também na vida fora da escola, se efetivamente promover a sua formação cidadã e sua inserção no mundo letrado. E será exatamente isso que discutiremos nesse capítulo: a importância da língua inglesa na educação

profissional e na vida cotidiana dos estudantes da EJA integrada à EP (BRASIL, 2002).

A aprendizagem de línguas estrangeiras, compreendida como um direito básico de todas as pessoas e uma resposta a necessidades individuais e sociais do homem contemporâneo, não só como forma de inserção no mundo do trabalho, mas principalmente como forma de promover a participação social, tem papel fundamental na formação dos jovens e adultos. A língua estrangeira permite o acesso a uma ampla rede de comunicação e à grande quantidade de informações presentes na sociedade contemporânea.

Uma importante contribuição da língua estrangeira (LE) é, assim, auxiliar a compreensão de informações de questões políticas e sociais que dependem da leitura crítica e interpretação de informações divulgadas pelos diversos meios de comunicação. A LE permite ampliar a compreensão das culturas estrangeiras e da própria cultura e promover a compreensão das diferenças: de expressão, de comportamento. No currículo, pode desempenhar uma função interdisciplinar, como processo de reflexão sobre a realidade social, política e econômica, e, portanto, como parte da construção da cidadania.

Assim, a aprendizagem deve representar para o aluno a possibilidade de usar a língua para obter acesso ao conhecimento nas diversas áreas da ciência, nos meios de comunicação, nas relações entre as pessoas de várias nacionalidades, no uso de tecnologias.

O ensino de LE tem, assim, um papel importante na formação global dos alunos jovens e adultos, por contribuir para o desenvolvimento da cidadania e participação social, tendo em vista que, para a inclusão social, é necessário ampliar a compreensão do mundo em que se vive (o contexto regional mais próximo em relação ao contexto mundial), para poder refletir sobre ele e nele intervir. A aprendizagem de LE é, portanto, necessária como instrumento de compreensão do mundo, de inclusão social e valorização pessoal. Por meio do estudo de uma LE, ampliam-se as possibilidades de conhecimento de outra(s) cultura(s) e, com isso, desenvolvimento de um olhar crítico a respeito da cultura brasileira, reconhecendo nela seus valores e sua diversidade (BRASIL, 2002).

O ensino de LE contribui para o desenvolvimento lingüístico dos alunos e pode ajudá-los no desenvolvimento da leitura e da escrita, bem como no entendimento das estruturas lingüísticas e discursivas, também na língua materna. Para a aprendizagem de novos conhecimentos, o professor deve valorizar os conhecimentos anteriores dos alunos, pois é a partir daí que poderão construir as concepções mais elaboradas, sistematizadas pelo trabalho escolar.

O inglês há muito tempo tornou-se a língua oficial em reuniões internacionais, estabelecimentos de acordos, tratados comerciais, ou seja, é passada a todos uma idéia de que é imprescindível saber inglês para conviver na comunidade internacional.

Com o intuito de entender os sentidos atribuídos ao trabalho desenvolvido pelo professor de língua estrangeira pelos alunos da EJA, primeiramente é preciso compreender as várias interpretações do *aprender inglês*, afinal, podemos falar uma língua sem estudá-la com aprofundamento.

De acordo com [Ricardo Schütz](#) (2008), pode-se aprender a língua inglesa de diversas formas: o aprendizado de Ensino Médio, de escola, próprio de vestibular, mecânico, o qual baseia-se em conhecer a estrutura das frases, formar interrogativas ou negativas, decorar quais são os verbos regulares, irregulares, as formas no infinitivo, gerúndio e particípio, um ou outro vocabulário, transformar frases da voz ativa para a passiva. Esse aprendizado proporciona um conhecimento prévio da estrutura gramatical na sua forma escrita. Há também o aprendizado em cursos de língua inglesa, nos quais os alunos, em 4 ou 5 anos terminam o plano didático pré-determinado, memorizam vocábulos e até se comunicam na língua diferente da sua materna, porém a vontade de logo traduzir para o seu português original, acaba deixando todo aquele estudo fora da realidade do aprendiz. E, além dessas maneiras, ainda de acordo com [Schütz](#) (2008), têm-se o aprendizado da língua inglesa de forma a desenvolver uma habilidade de assimilar com naturalidade, falar e ouvir fluentemente, escutar músicas e entendê-las, assistir filmes e programas sem necessidade de legendas. Para tudo isso, não basta embasamento teórico, é necessário convívio, prática, vivência de situações, discussão

com estrangeiros. Isso é mais propício em crianças a partir dos três anos, pois os vícios da língua materna são menores e a capacidade de aprendizagem é maior.

De acordo com a Proposta Curricular para Educação De Jovens e Adultos (2002), na Educação Profissional (EP) integrada à Educação para Jovens e Adultos (EJA) o aprendizado em inglês contempla a primeira citação de Shutz (2008), na qual o aluno conhece um pouco do vocabulário, forma frases, identifica palavras da língua inglesa, armazena informações e conhecimento a respeito da gramática. Não se trata de aprender a falar *certo*, como prescreve a gramática normativa, mas de aprender a monitorar sua fala em função da reação da platéia, tomar nota de aspectos relevantes em uma exposição ou palestra para compreender o conteúdo tratado. Quanto mais diversificadas forem as experiências sociais e culturais vivenciadas, mais à vontade os alunos da EJA se sentirão para atuar em contextos diferentes, ajustando seu modo de falar à maior ou menor formalidade exigida pelo contexto (BRASIL, 1996).

Segundo Nery (2002), o estudante é um sujeito social que aprende atuando com e sobre a cultura de seu grupo social e da sociedade em geral. O estudante, em movimento permanente de constituição de si mesmo como sujeito e como cidadão, aprende a aprender, buscando compreender as interações sociais das quais participa, tomando decisões, identificando problemas, comparando idéias, construindo conceitos e propostas de intervenção na realidade. Os usos das linguagens explicitam continuamente as relações entre linguagem e exercício da cidadania, entre linguagem e poder, entre linguagem e identidade.

Se o objetivo da EJA é formar indivíduos que sejam capazes de compreender mais e melhor o mundo, o estudo das linguagens tem um papel fundamental, uma vez que elas são espaços múltiplos de produção de significados sobre a vida. A reflexão e o uso das práticas sociais a partir da escrita tornam-se primordiais. Entende-se a escola como uma comunidade de leitores e produtores de textos, na qual todo professor é professor de leitura e de escrita. A natureza multidisciplinar da linguagem e o seu caráter instrumental nas várias áreas do currículo contribui para ampliar as relações dos alunos com os discursos – materializados em

textos – presentes no mundo. Assim, a proposta do EJA – a linguagem verbal, a linguagem visual – aumentam a consciência em relação ao estar-no-mundo (PENA, 2007).

A linguagem seja ela da forma que for, é essencial para a construção do cidadão e seu contexto sócio-histórico, por proporcionar o exercício da cidadania, na vida social, familiar e no trabalho, ou seja, a língua é o meio principal através do qual conduzimos nossa vida social. Quando usada em contextos de comunicação, aparece impregnada pela cultura das mais diversas e complexas maneiras (EGITO, 2008). Contudo, essencialmente a partir do desenvolvimento tecnológico, desde o final do século XX, evidenciou-se uma ampliação da participação de alunos no conhecimento e domínio de outra língua que não a sua materna.

E sob a ótica dessa lingüística contrastiva, ou seja, essa comparação e descrição entre duas línguas, no caso o inglês e o português, e orientado por uma perspectiva cognitivista, Francisco Figueiredo (1997), realizou um estudo, a fim de explicar a língua escrita (Inglês), por meio de produções de seus alunos (jovens e adultos), com o objetivo de compreender o processo de aquisição de uma segunda língua em sala de aula. O autor defende a visão sociointeracionista, a qual prega que a língua materna é vista como um produto da atividade social, determinado cultural e historicamente. Ela não é uma forma de comportamento, nem tampouco uma faculdade inata que capacita os estudantes a adquirir somente competência lingüística. Assim, para confirmar se sua teoria é válida, a pesquisa tem como foco os “erros” detectados nos discursos escritos de seus alunos. Nesse sentido o autor esclarece:

A pesquisa sobre aquisição de segunda língua (doravante L2) deve muito aos estudos sobre aquisição da língua materna (doravante L1), e vice-versa, pois muitos pesquisadores (Cf. Ervin-Tripp, 1974; Yavas, 1994) têm questionado se a aquisição de L2 é um processo semelhante ao de L1, tendo essa preocupação levantando muitas controvérsias. (Figueiredo, 1997, p. 24-25).

Como conclusão, Figueiredo (1997) percebeu que essas controvérsias são fatores como a idade, as diferenças entre as línguas, a interferência de uma língua sobre a outra, e a ordem de aquisição dos

morfemas (elementos lingüísticos que conferem um aspecto gramatical à palavra, ou seja, permite saber se a palavra é masculina ou feminina, se está no singular ou plural, se é substantivo, verbo etc.) foram pontos decisivos sobre as semelhanças ou diferenças entre os dois processos: a aprendizagem da língua materna e de uma língua estrangeira.

No entanto, é inevitável o confronto entre a língua que se fala na escola e a língua que cada aluno pratica. Muitas vezes, o aluno, ao longo de sua vida escolar, sente-se incomodado por não conseguir escrever o que foi capaz de pensar e dizer. Cabe ao professor da EJA explicitar as causas dessa dificuldade, administrando o choque entre a modalidade falada e escrita de modo favorável ao aluno, criando novos critérios de correção, valorizando e reconhecendo a identidade lingüística de cada um, discutindo a relação de poder que implica no uso da norma de prestígio, repudiando qualquer manifestação de preconceito lingüístico (BRASIL, 2002)

Porém a escassez de recursos didáticos, a falta de investimentos, e até mesmo desinteresse por parte de alguns discentes, fazem com que o inglês instrumental não seja eficaz para o domínio total da língua estrangeira inglesa, tornando o aluno da EJA um espectador da língua e não um protagonista.

Com todas as dificuldades, deixar clara a importância do inglês nos diversos campos da atividade cotidiana dos integrantes da EJA, bem como fazê-los acreditar na tamanha influencia do inglês no mundo globalizado, nas pesquisas, nas empresas, nas finanças, no comércio, nos congressos, nos eventos esportivos mundiais, no “play” dos filmes, no “power” do controle remoto, no simples “hot-dog” da esquina, nas vitrines das lojas (50% OFF, design, fashion, entre outros), enfim, a realidade brasileira atual é extremamente interligada a cultura inglesa.

Atualmente, o inglês é a língua nativa de mais de meio bilhão de pessoas oriundas tanto do centro quanto da periferia do globo. É a língua mais falada do mundo por não-nativos e, provavelmente, o único idioma que possui mais falantes não-nativos que nativos. São três falantes não-nativos para cada falante nativo. Ao se mundializar, o inglês avançou por muitas fronteiras geográficas, permitindo, até certo ponto, uma perda de

identidade (SIQUEIRA, 2005), e provocando a desassociação do binômio língua-cultura no tocante aos lugares e aos povos que hoje o idioma representa, assim como da realidade por esses povos construída. Diante disso, pode-se argumentar, então, que é possível estudar inglês sem estar interessado na cultura de nenhum país de língua inglesa, isto é, apenas por uma motivação instrumental. E é o que cada vez mais vem acontecendo: indiscutivelmente a língua inglesa invadiu a vida de todos os habitantes do planeta. Querendo ou não, se você não possui algum conhecimento ou domínio sobre essa realidade, você está cercado pelo mundo que lida com ela no seu cotidiano.

Moita Lopes (2003, p. 42) afirma que “mais de um bilhão de pessoas em todo mundo aprendem inglês, sendo que 375 milhões falam Inglês como primeira língua e 750 milhões como segunda língua”. Afinal, ainda de acordo com Moita, “os discursos que circulam na internet e na maior parte dos canais internacionais de TV, são primordialmente construídos em inglês, mesmo aqueles produzidos em países onde esse idioma não é falado como primeira língua”.(MOITA-LOPES, 2003, p.45). Segundo Rajagopalan (2005):

Estima-se que perto de 1,5 bilhão de pessoas no mundo – isto é  $\frac{1}{4}$  da população mundial – já possui algum conhecimento da língua inglesa e/ou se encontra em situação de lidar com ela no seu dia-a-dia. Acrescente-se a isso o fato ainda mais impressionante de que algo em torno de 80 a 90% da divulgação do conhecimento científico ocorre em inglês. Ou seja, quem se recusa a adquirir um conhecimento mínimo da língua inglesa corre o perigo de perder o bonde da história (2005. p. 149).

De acordo com Denise Farias Rocha (2001), à medida que as empresas procuram expandir-se para novos mercados e integrar operações globais, percebem que, cada vez mais, seus funcionários precisam trabalhar em conjunto e além de suas fronteiras regionais e linguísticas. Isto tem aumentado a importância do inglês como idioma comum e prático nos negócios. Além disso, a tecnologia conectou os funcionários de uma maneira nunca vista, e o idioma inglês é hoje parte de um dia comum de trabalho para muitos funcionários que usam a língua



inglesa pela primeira vez em suas funções, o que é de grande relevância para os alunos do EJA, já que essa estratégia é considerada a chave para o século XXI, por ser consequência do exercício da cidadania e condição para a participação plena na sociedade, incluindo aí a qualificação e a requalificação profissional (CHILANTE e NOMA, 2009).

A Educação Profissional deve passar no mínimo conhecimentos de Inglês para que o profissional garanta seu lugar no mercado de trabalho. “O Inglês é um idioma conhecido em qualquer lugar do mundo. Até na China e no Japão se fala inglês. Daí a importância de todas as pessoas, inclusive os jovens, conhecerem bem o idioma.”, afirma Marie Ryan , coordenadora de Departamento de Inglês da Associação Alumni, que trabalha com o ensino de Inglês desde 1977, no mundo globalizado. (RUIZ, 2002)

Ainda de acordo com Ruiz (2002), falar um idioma também, já não é mais um diferencial profissional, mas sim um pré-requisito para o ingresso no mercado de trabalho e/ou para o crescimento profissional. E o Inglês é a língua estrangeira de maior fluência. Além disso, mostra que a diferença da remuneração entre os profissionais que dominam o inglês chega a mais de US\$ 2,000.00 por ano em relação aos profissionais que não conhecem o idioma (RUIZ, 2002).

Os alunos da EJA têm que se conscientizar que a língua inglesa serve como meio de comunicação entre diferentes povos do mundo de hoje, ainda mais com o advento da Internet, com o qual os conhecimentos de Inglês se tornaram fundamentais para aquele que busca fazer uma pesquisa eficiente na Web. A Internet é um dos mais poderosos instrumentos tecnológicos aptos a trazer e levar informações de forma mais eficiente e a tendência é que os alunos da EJA se dêem conta disso cada vez mais rápido (Inclusão digital).

De acordo com Berger (2005, p. 97), “a maior quantidade de informação que circula hoje pela Net encontra-se em inglês”, prevalecendo como “a língua mais usada para a comunicação global” e também, como “a mais presente no mundo da tecnologia”. Alguns autores (LACOSTE, 2005, p. 8 e MOITA LOPES, 2003 apud RAJAGOPALAN, 2005, p.153) até mesmo a consideram como a “língua da globalização”.

A pesquisa “*O perfil dos líderes empresariais*”, realizada pelo Grupo Catho, em fevereiro de 1999, mostra que a maioria dos profissionais que ocupam altos cargos em grandes empresas tem fluência em pelo menos um idioma, geralmente o Inglês. Dos 625 executivos de alto nível entrevistados, 32,35% (entre presidentes, vice-presidentes, diretores e gerentes) falam e escrevem em Inglês corretamente; 38,56% fala fluentemente com alguns erros; 20,59% fala com um pouco de dificuldade; 4,84% tem somente conhecimento técnico de para leitura e apenas 3,63% não fala Inglês. A maioria dos presidentes fala fluentemente com alguns erros, assim como os diretores. Os vice-presidentes, em sua maioria, falam e escrevem fluentemente e a maioria dos gerentes fala Inglês com uma certa dificuldade. Quando a pergunta é sobre o conhecimento de outros idiomas, a maioria tem como terceira língua (depois do Português e do Inglês) o Espanhol (42,39%) e depois o Francês (12,32%). Alguns deles (29,35%) não têm conhecimento em outro idioma além do Português e do Inglês. A pesquisa mostrou também que, entre os cargos citados, os vice-presidentes são os que mais se preocupam em [aprender](#) um terceiro idioma. Diante dessa pesquisa, pode-se concluir que para ser um profissional de empresas de grande porte, o inglês é essencial.

Aline Cajé Bernardo (2008), afirma que a inclusão de pelo menos uma disciplina de língua estrangeira no currículo escolar tem sido considerada de extrema importância no mundo atual. Ao conhecer apenas a língua materna, o indivíduo priva-se de acessar informações que estão disponíveis em outras línguas, deixando de obter em primeira mão conhecimentos compartilhados no resto do mundo que poderiam contribuir para o seu crescimento pessoal (NICHOLS, 2001, p.16).

Atualmente, o caráter formativo de uma língua estrangeira ganha muito relevo, conforme salientam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira:

[...] objetiva-se restaurar o papel da Língua Estrangeira na formação educacional. A aprendizagem de uma língua estrangeira, juntamente com a língua materna é um direito de todo cidadão, conforme expresso na Lei de Diretrizes de Bases e na Declaração

Universal dos Direitos Lingüísticos, publicada pelo Centro Internacional Escarré para Minorias Étnicas e Nações (Ciemen) e pelo PEN-Club Internacional. Sendo assim, a escola não pode mais se omitir em relação a essa aprendizagem (1998. p. 19).

Se o ensino de uma língua estrangeira é dever da escola, e se grande parte das escolas oferece exclusivamente o inglês, e ainda se, no caso dos alunos das camadas populares, a escola pública é o único lugar de aprendizado desse idioma, é de se esperar que seu ensino seja eficaz e significativo para eles, possibilitando-lhes o acesso ao direito de formação integral do indivíduo a fim de que possam exercer a tão proclamada *cidadania* e utilizar o conhecimento adquirido como mecanismo de inclusão social, encontrando assim um “lugar nas redes articuladas de fluxos de capitais e informações”, no atual mundo globalizado (CHARLOT, 2005, p. 133).

A política integrada de Educação Profissional e Educação de Jovens e Adultos, além da educação básica, proporciona a inserção de língua estrangeira moderna, de outras línguas e especializações profissionais, sendo um pressuposto para que jovens e adultos possam enfrentar o mundo da produção econômica, no sentido de obter conhecimento, não apenas para compreensão geral da vida social, mas também como necessidade de se inserir ou permanecer no trabalho. Assim, as políticas públicas, através de ações conjuntas e ordenadas, representam alternativas de resgate da população excluída do ensino regular. Ao lado disso, ampliam-se as possibilidades de inclusão social, não só combatendo o baixo índice de escolarização, mas proporcionando o retorno à vida escolar; não apenas para instrumentalizar para o exercício profissional, mas para formação integral do trabalhador.

E é isso que os alunos da EJA precisam: programas de elevação de escolaridade, em sua maioria, buscando melhorar suas chances de inserção no mercado de trabalho, além da vontade de dominar os saberes escolares, na expectativa de que esse domínio permita a ascensão social, seja pela possibilidade de aprovação em concurso público ou teste para preenchimento de vagas de melhores empregos, seja pela vontade de

alcançar e cursar o ensino superior. O que está em questão aqui, além da empregabilidade e da certificação, é o desejo de saber, cuja qualidade crítica pode ser maior ou menos em razão das experiências da pessoa e do tipo de programa em que ela vier a se inserir (BRASIL, 2002).

Outra forte razão para a procura de programas de ampliação de escolaridade como o EJA é a busca do reconhecimento social e da afirmação da auto-estima. O conhecimento escolar é uma forma de se sentir (ou estar) incluído na sociedade. São freqüentes, por exemplo, depoimentos de alunos que, fazendo curso correspondente ao Ensino Fundamental ou ao Ensino Médio, justificam sua vontade de estudar pela necessidade de acompanhar os filhos sem vergonha. Em casos de pessoas mais velhas, trata-se do desejo de poder transitar pelos espaços públicos e de realizar tarefas que suponham domínio de leitura e escrita ou de conhecimentos específicos sem precisar pedir apoio a outra pessoa, ou seja, sem precisar explicitar uma incapacidade, constantemente estigmatizada pelos padrões sociais (PRIGOL, 2006).

Ao ingressarem nos cursos de EJA, inclusive no curso de inglês oferecido pela EJA, os alunos ampliam as possibilidades de socialização, isto é, convivem em um ambiente social que oferece a possibilidade de convivência saudável com outras pessoas de mesma condição e a realização de atividades proveitosas e gratificantes. Ainda que o processo de socialização não se dê apenas na escola (participação em igrejas, associações culturais ou esportivas, sindicatos etc. cumprem função semelhante), esse motivo é fundamental para o sucesso do processo pedagógico e a permanência do aluno na escola (BARRETO, 2006).

Ainda segundo Barreto (2006), além dessas motivações pessoais, no mundo globalizado, a educação regular e o ensino de uma língua-alvo, como o inglês, passaram a ser uma das características mais significativas das sociedades ocidentais industriais. Tornou-se lugar-comum falar que o trabalhador moderno deve ter autonomia, iniciativa e capacidade de análise e decisão.

Ser escolarizado e entender de inglês são condições básicas para participar da sociedade com relativa independência e autonomia, o que implica, entre outras coisas, a possibilidade de empregar-se, de usufruir

(consumir) os benefícios da sociedade industrial e de manter o acesso aos variados bens culturais (BRASIL, 2006).

A ampliação da oferta educacional, o que inclui aprender uma segunda língua, diferente da materna, realimenta a competição entre os trabalhadores, invertendo a responsabilidade social pelo desenvolvimento econômico e pela oferta de emprego tornando “natural” a idéia de que “no mundo moderno, só os mais competitivos têm possibilidade de ser alguém na vida” e que, portanto, os trabalhadores que não conseguem um bom emprego são pouco competentes ou não investiram o suficiente em sua formação. (SURDI e BOLIS, 2005). Por outro lado, do ponto de vista do trabalhador, aprender inglês impõe-se como condição de possibilidade de participação diferencial no mercado de trabalho.

O que está em questão é a ampliação das possibilidades de participação social de um grupo de cidadãos cuja cidadania encontra-se comprometida. O trabalhador adulto, não sendo uma criança, não volta para a escola para “retomar uma trajetória escolar interrompida”, mas para reconstruir uma trajetória escolar em busca de conhecimentos significativos nessa sua etapa da vida, em condições diferentes das existentes no momento em que ele interrompeu os estudos (ALVARES, 2006).

Para construir as transformações que o mundo do trabalho impõe para a escola, no caso da EP integrada à EJA, não basta apenas pensar em projetos educacionais a serem desenvolvidos solitariamente pelas escolas, mas é preciso inserir a dinâmica do trabalho e do conhecimento em contextos mais amplos. O fato de o conhecimento de um língua estrangeira ter passado a ser um recurso essencial, que caracteriza a sociedade pós-industrial, muda fundamentalmente a estrutura da sociedade, criando novas dinâmicas sociais e econômicas e demandando também novas políticas educacionais (ANDREAZZA, 2007).

Longe de tentar ignorar as transformações, ou de atuar de forma defensiva, é preciso penetrar nas novas dinâmicas para entender sob que forma os seus efeitos podem ser invertidos, levando a um processo reequilibrador da sociedade, quando, hoje, apenas as polarizações e desigualdades são reforçadas. Por ensino eficaz, compartilhamos do

entendimento de Berger (2005, p. 11) como: “[...] aquele que capacite o aprendiz a usar a língua inglesa para se comunicar, para negociar, ou seja, para interagir em diferentes situações pessoais e comerciais”.

Os dados de uma pesquisa realizada com alunos e alunas das quintas e oitavas séries do ensino fundamental do ensino regular, do turno vespertino de uma escola pública de Aracaju (BERNARDO, 2008) revelaram que a maioria dos alunos pesquisados gosta e acha importante aprender a língua inglesa: 88% dos alunos da quinta série gostam de inglês, demonstrando mais interesse na aprendizagem do idioma, devido ao fator *novidade*. Já na oitava série, observou-se esse interesse cair para 58%, devido à ausência do mesmo fator (“novidade”, já que a maioria dos alunos tiveram contato prévio com a disciplina). Isto pôde ser confirmado por meio dos desenhos produzidos. Alguns desenhos foram chamados de “verbalizados”, porque neles os alunos da oitava série acrescentavam palavras como: “chatice” e “enjôo” ao referirem-se às aulas de inglês. Quando os pesquisadores perguntaram se estavam contentes com o inglês ou prefeririam estudar outro idioma, caso lhes fosse concedida a possibilidade de escolher, a maioria optou pelo inglês (60% na 5ª e 65% na 8ª série). Sobre se consideravam a aprendizagem de inglês importante, a maioria respondeu afirmativamente.

Os índices apontaram 92% para os alunos da quinta e 98% para os da oitava. Na oitava série, 60% relacionaram essa importância à obtenção de um emprego no futuro, revelando que o trabalho é a grande preocupação da maioria dos alunos desta série. Já na quinta série, houve um empate de 25% para as questões de emprego e viagens. Um quarto dos alunos desta série mostrou-se otimista quanto ao futuro e alimentaram expectativas positivas, incluindo viagens turísticas a países estrangeiros. Alguns disseram: “É importante porque quando eu viajar para um país estrangeiro já sei falar”. A relação entre inglês e conhecimento foi pouco mencionada por esses jovens. Apenas 12% dos estudantes da quinta série e 10% dos da oitava referiram-se à obtenção de novos conhecimentos por meio do inglês. Uma das perguntas feitas pelos pesquisadores inquiria sobre a utilização da língua inglesa na vida diária, numa tentativa de entrar na lógica dos alunos sobre se havia

alguma correlação entre o fator “disciplina distante da realidade deles” e o sentido que eles atribuíam a essa aprendizagem. A música e a internet foram os elementos motivadores mais citados em ambas as séries nesta utilização. Mostrando-se sintonizados com os avanços tecnológicos, alguns alunos utilizaram inglês no computador com vídeo games e internet. Isso ocorre principalmente nas lan houses. Os índices mostraram que 39% dos alunos não se percebem utilizando o inglês na vida cotidiana (BERNARDO, 2008, p.28).

A escola foi vista pela maioria deles como o lugar de aprendizagem desse idioma, diferentemente do que qualquer análise apressada poderia supor. Essa crença na função da escola regular como lugar legítimo do aprendizado da língua estrangeira é um fator importante e estimulador da busca de soluções para o enfrentamento dos problemas relativos a esse ensino (BERNARDO, 2008).

Os dados dessa pesquisa foram comparados com os dados obtidos pela observação realizada em sala de aula dos alunos que estão no mercado de trabalho ou buscam a inserção no mesmo, da EJA, da Escola Municipal Potenciano e Silva, no período de 2005 a 2008. Pode-se concluir, que o sentido atribuído pelos alunos à aprendizagem da língua inglesa está vinculado à perspectiva de um futuro melhor, fazendo com que o domínio do inglês seja um desafio significativo para sua formação. Além disso, eles compreendem que esse idioma pode fazer diferença na luta por um emprego. Porém, notou-se a consciência da necessidade de aprender, mas pouco empenho em prol disso.

Geralmente, os alunos da EJA integrada à EP não utilizam muito o inglês no dia-a-dia, mas quando o fazem é ouvindo músicas internacionais, acessando a *Internet* e nos jogos de *video games*. O mesmo foi percebido na pesquisa com os escolares de Aracaju. Essa inclinação por parte de ambos para o uso da Internet poderia constituir-se em terreno fértil para um redirecionamento das metodologias de ensino de inglês, funcionando como elemento mobilizador da atividade intelectual dos alunos. Os atuais laboratórios de informática da maioria das escolas públicas não oferecem condições para o desenvolvimento de atividades

que realmente possam relacionar o ensino de inglês com a utilização das novas tecnologias da informação e comunicação.

Contudo, em tal contexto é impossível permanecer sem a língua inglesa na EJA, mesmo porque esta promove ação social e amplia as oportunidades sociais do cidadão. Isso porque na Língua Estrangeira, o estudante compreende-se *um ser de sentidos*, ao poder fazer uso e refletir sobre as diferentes linguagens, relacionando-as. De fato, o domínio das linguagens permeia uma das competências fundamentais para o exercício da cidadania, juntamente com a construção de conceitos, de argumentações e da elaboração de propostas, como forma de responder às adversidades sociais.

Especificamente no contexto de EJA, o ensino de LE poderá contribuir para o desenvolvimento de possibilidades de ascensão profissional, de opções de lazer, de interesse pela leitura e pela escrita; além de ser um espaço que contribuirá para o desenvolvimento da percepção da escola como um local que auxiliará o aluno na constituição de sua identidade (BRASIL, 2002).

Em relação à contribuição profissional, a LE poderá servir como auxiliar tanto no tocante ao alcance de conhecimentos disponibilizados apenas em outras línguas como no desenvolvimento de instrumentos lingüísticos para atuar em situações como entrevistas para emprego, leitura de classificados, escrita de currículos, leitura de manuais da área, escrita de relatórios, dentre outros tipos de textos que, trabalhados em LE poderão contribuir também para o desenvolvimento da língua portuguesa. No tocante às oportunidades e alternativas de lazer, a LE contribuirá com a possibilidade de maior abrangência de situações de lazer. Servirá para proporcionar aos alunos uma perspectiva de leitura mais crítica de livros, jornais e revistas, além de permitir maior compreensão de filmes, telejornais, documentários, entrevistas, novelas, dentre outros.

Além disso, tornará possível uma maior compreensão do universo estético, abrindo espaço para a leitura de diferentes obras. É importante salientar que não é condição necessária que o aluno tenha acesso às obras na LE, mas tenha a chance de desenvolver essa possibilidade em LE e esse conhecimento em língua portuguesa (BRASIL, 2002).



Quanto ao interesse pela leitura e escrita, o ensino de LE poderá desenvolver o interesse pela leitura e escrita pela proposta de leitura e escrita de textos em LE que sejam compatíveis com os interesses e necessidades dos alunos. Assim, textos de jornal e revista de grande circulação, educativos e científicos, de livros, poderão servir de base para leituras críticas da realidade, ao mesmo tempo em que servirão de insumo para a escrita de novos textos pelos alunos. Também será possível o desenvolvimento de textos dirigidos a necessidades específicas como currículum vitae, relatórios de atividades, pequenas mensagens, dentre outros.

Quanto à percepção da escola como espaço para constituição de sua identidade, o trabalho na aula de LE poderá permitir ao aluno perceber-se como integrante de uma comunidade de linguagem. A perspectiva de ensino-aprendizagem de LE, voltada para o uso de linguagem em contextos comunicativos, poderá servir de base para atividades de sala de aula voltadas para a participação do aluno com contribuições de seu dia-a-dia, com apoio/ auxílio/ participação na construção do conhecimento do outro, com questionamentos sobre a importância do que está aprendendo para sua vida, sua ação mais informada no mundo.

A partir da abordagem de linguagem desenvolvida de forma contextualizada e autêntica, será possível aos alunos perceberem suas atuações no mundo através do discurso. A forma como entendem os textos lidos ou ouvidos, a forma como produzem textos, o efeito dessas práticas na sua participação num contexto social e crítico mais amplo será de fundamental importância para seu desenvolvimento como cidadão atuante (BRASIL, 2002).

De forma semelhante, ao trabalhar com os temas transversais nas práticas de sala de aula (aqui entendidas tanto com relação ao conteúdo/textos escolhidos, como com relação às próprias ações e atitudes tomadas por alunos e professores em sala de aula e no dia-a-dia), os alunos poderão ter um espaço para a percepção de formas de agir no mundo preocupadas com questões ligadas à participação efetiva dos cidadãos em uma sociedade.

Pelas discussões sobre esses temas, novas formas de entender o mundo poderão ser construídas.

Além de uma nova compreensão de mundo, essa forma de entender o ensino de LE na EJA permitirá a percepção da escola como um espaço para a construção de novas perspectivas de si mesmo. Os alunos terão a chance de participar da construção conjunta de conhecimento, usando sua história como fonte e objetivo de aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando perguntamos: por quê é importante os alunos da EJA estudarem inglês? A essa pergunta teríamos inúmeras respostas: a Cultura brasileira é formada por diversas influências étnicas e conseqüentemente por várias formas de linguagens, principalmente pela língua inglesa. Percebemos isso através da música e da indústria cinematográfica, a dominância nas pesquisas científicas, na cultura de massa, na política, entre os banqueiros, funcionários de carreira, nas empresas que estão em vias de se tornarem bilíngües, na computação e eletrodomésticos.

As finalidades do ensino de Língua Estrangeira, compreendido como caminho para a construção da cidadania e a constituição do aluno como sujeito da aprendizagem, indicam como os objetivos do ensino fundamental podem levar os alunos a identificar os conhecimentos como meios para compreender e transformar o mundo à sua volta e perceber o caráter da Língua Estrangeira, como aspecto que estimula o interesse, a curiosidade, o espírito de investigação e o desenvolvimento da capacidade para compreender e comunicar-se.

Os objetivos gerais de língua estrangeira para o Ensino Fundamental, destacados nos Parâmetros Curriculares de Língua Estrangeira, estão orientados para a sensibilização do aluno para o mundo multilíngüe e multicultural em que vive; para a compreensão global (escrita e oral); e para a importância do empenho na negociação do significado e não apenas na correção. O ensino e a aprendizagem da linguagem como prática social significa trabalhar a possibilidade de compreender/expressar, oralmente e por escrito: opiniões, valores,

sentimentos, informações. Oferecer oportunidades de perceber, experienciar a comunicação como troca de idéias, de valores culturais, além de estimular o aluno no prosseguimento dos estudos, ajuda-os a comparar suas experiências de vida com as de outros povos.

No contexto da Educação de Jovens e Adultos é fundamental que os professores considerem as representações que estes alunos têm da escola, da aprendizagem e de si mesmos. Se puderem perceber como são capazes de ampliar as fronteiras dos seus conhecimentos, mesmo que básicos, os alunos passam a ter mais iniciativa na busca de outros novos conhecimentos, ou seja, tornam-se cada vez mais autônomos e conscientes de sua aprendizagem.

Além disso, na busca por novos conhecimentos e nas possibilidades de sua ampliação, desenvolvem processos que lhes permitem repensar condutas, atitudes e conceitos. É por meio dessa reflexão que podem começar a participar mais das discussões que envolvem o convívio ético entre as pessoas.

Para promover a interação de forma cooperativa com os colegas, sem perder de vista que o que se aprende e seu uso deve vir juntos, o professor tem o desafio de organizar formas de desenvolver o trabalho escolar de modo a incorporar os diferentes níveis de conhecimento dos alunos e ampliar suas oportunidades de acesso; partir de uma diversidade de experiências e interesses; garantir ao aluno uma experiência de construção de significado pelo domínio de uma base discursiva que lhe permita comunicar-se com outras pessoas por meio de textos orais e escritos, e a possibilidade de ampliar essa base à medida que se fizer necessário. Mais ainda, o professor tem o compromisso de ajudar os alunos a confiar na própria capacidade de aprender.

Assim, é fundamental buscar desenvolver um trabalho que permita também ao aluno de Educação de Jovens e Adultos: identificar no universo que o cerca as línguas estrangeiras que cooperam nos sistemas de comunicação, percebendo-se como parte integrante de um mundo plurilíngüe e compreendendo o papel hegemônico que algumas línguas desempenham em determinado momento histórico; vivenciar uma experiência de comunicação humana, pelo uso de uma língua

estrangeira, no que se refere a novas maneiras de se expressar e de ver o mundo, refletindo sobre os costumes e possibilitando maior entendimento de um mundo plural e de seu próprio papel como cidadão do país e do mundo em que vive; reconhecer que o aprendizado de uma ou mais línguas lhe possibilita o acesso a bens culturais da humanidade construídos em outras partes do mundo; construir conhecimento sistêmico, sobre a organização textual e sobre como e quando utilizar a linguagem nas situações de comunicação, tendo como base os conhecimentos da língua materna; construir consciência lingüística e consciência crítica dos usos que se fazem da língua estrangeira que está aprendendo; ler e valorizar a leitura como fonte de informação e prazer, utilizando-a também (mas não só), como meio de acesso ao mundo do trabalho e dos estudos avançados; utilizar outras habilidades comunicativas de modo a poder atuar em situações diversas.

Um dos aspectos que o professor deve priorizar em Língua Estrangeira, especialmente na Educação de Jovens e adultos, é o trabalho de seleção e organização de informações relevantes. Num mundo em que há uma grande massa de informações, por vezes contraditórias, outras pouco relevantes, é necessário que o aluno aprenda a interpretá-las, avaliá-las e selecioná-las criticamente, para, como cidadão, poder fazer triagem e avaliação constantes.

Alguns autores apontam como causas para a ineficiência do ensino/aprendizagem de inglês os a (des)motivação, recursos didáticos escassos, salas de aula numerosas, pouca qualificação docente, utilização de metodologias inadequadas e a condição sócio-cultural do aluno, dentre outros e é inegável a interferência de fatores dessa ordem no processo ensino/aprendizagem do inglês.

No entanto, o que nos chamou a atenção foi perceber que apesar de todos os fatores adversos para o ensino de inglês e seu aprendizado efetivo na integrada EJA/EP, alguns alunos conseguem aprender. Esta constatação, derivada da prática docente, foi o que nos motivou a desenvolver essa pesquisa junto aos alunos no intuito de compreender que relação eles estabelecem com o “saber” e o “aprender” inglês. A necessidade em reconhecer a representatividade da língua inglesa na

vida dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, bem como ressaltar a invasão rápida dessa língua estrangeira no mundo globalizado fez com que essa temática se concretizasse nesse projeto de pesquisa.

Afinal, o inglês possibilita o acesso ao mundo dos discursos múltiplos, para que o indivíduo da integrada EJA/EP possa compreender o mundo em que vive e faz parte, além de aumentar as oportunidades de realização e desenvolvimento individual, profissional e social, oferecendo aos alunos o fim da marginalização lingüística para se engajar discursivamente na vida sócio-histórico-cultural, iniciando seu empenho em tomar decisões entendendo seu papel como colaborador como cidadão disposto a agir e estar efetivo no mundo globalizado.

## REFERÊNCIAS

ALVARES, Sonia Carbonell. A ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. 2006

ANDREAZZA, Pedro Ernesto. Implicações das Novas tecnologias na organização do trabalho: uma visão do aluno-trabalhador da UCPEL. Pelotas, 2007.

ANTUNES, Ricardo: Adeus ao trabalho? : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho – Cortez; Campinas, SP (Unicamp), 2007.

ARROYO, Miguel: *As Relações Sociais Na Escola e a Formação do Trabalhador* (Trabalho Formação e Currículo p. 13) – Editora Xamã, 1999.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Narrativas, crenças e experiências de aprender inglês. *Linguagem & Ensino*, v.9, n.2, p.145-175, jul./dez. 2006.

BARRETO, Denise Aparecida Brito. Representações sociais do professor de educação de jovens e adultos sobre leitura e escrita / Tese (doutorado) Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2006. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=457](http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=457). Acesso em 28 de julho de 2009.

BERGER, Maria Amália F. O papel da língua inglesa no contexto de globalização da economia e as implicações do uso de NTICs no processo de ensino aprendizagem desse idioma. São Cristóvão- SE: NPGED, 2005. Dissertação de Mestrado.

BERNARDO, Aline Cajé. Aprender Inglês na escola pública: qual relação com o saber? Revista de Educação Política. Cuiabá v. 17. n. 33. p. 1-211. jan.-abr. 2008. Disponível em: [http://www.ie.ufmt.br/revista/arquivos/ed\\_33.pdf](http://www.ie.ufmt.br/revista/arquivos/ed_33.pdf). Acesso em: 03 de abril de 2009.

BRASIL. 1996. Lei nº 9.394 de 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, 23 de dezembro de 2006, disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf); acesso em: 03 de abril de 2009.

BRASIL, Ministério de Educação: *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Inglesa*, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série: Introdução* / Secretaria de Educação Fundamental, 2002. 148 p.:il.:v.1

BUFFA, Ester. *Educação e Cidadania: quem educa o cidadão?*/ Ester Buffa Miguel G. Arroyo, Paolo Nosella. – 10. Ed. – São Paulo, Cortez, 2002. - (Coleção Questões da Nossa Época; v.19).

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHILANTE, Edinéia Fátima Navarro e NOMA, Amélia Kimiko. Reparação da dívida social da exclusão: uma função da educação de Jovens e



Adultos no Brasil? Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. Especial, p 225-237, mai.2009 - ISSN: 1676-2584. Disponível em: [www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/.../art14\\_33esp.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/.../art14_33esp.pdf). Acesso em 28 de julho de 2009.

COX, M. I. P. & ASSIS-PETERSON, A. A. de. *O professor de inglês: Entre a alienação e a emancipação*. Linguagem e Ensino, Vol. 4, No. 1, 2001. p.11-36.

DAMIANOVIC, Maria Cristina. UNITAU. *Aprender Inglês para não perder o bonde da história*. Tese de Doutorado. PUC-SP, 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/SOLETRAS/12/02.HTM>> Acesso em: 05 de março de 2009.

DOWBOR, Ladislau. *Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação*. Março de 2001. Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos903/tecnologias-conhecimento-educacao/tecnologias-conhecimento-educacao3.shtml>. Acesso: 29 de julho de 2009.

FELIX, A. “Crenças do professor sobre o melhor aprender de uma língua estrangeira na escola” – Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada)- Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

FERREIRA, E.B; RAGGI, D.; RESENDE, M.J; *A EJA integrada à Educação Profissional no CEFET: Avanços e contradições*. Trabalho e educação nº9, CAPES. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT09-3196--Int.pdf>. Acesso em: 23 de setembro de 2009.

FIGUEIREDO, Francisco Quaresma: *Aprendendo Com Os Erros: Uma perspectiva Comunicativa de Línguas*. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996;

GASPARINI, Edmundo Narracci. *Sentidos de Ensinar e Aprender Inglês na Escola de Ensino Médio e Fundamental -uma análise discursiva*. Polifonia. Cuiabá. EDUFMT nº10 p.159-175 . ISSN A104-687X. 2005

GOIÁS, Secretaria de Educação Superintendência de Ensino Fundamental – I *Capacitação de Professores de Inglês*, 1999 by Dalacorte, Maria Cristina – Pessoa, Rosane Rocha – Duarte, Magali Saddin – Figueiredo, Francisco Quaresma.

KLEIMAN, A. B. e SIGNORINI (org.). *O ensino e a formação do professor: Alfabetização de Jovens e Adultos*. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.

LOPES, J.; VALENTIM, S dos S; *Educação profissional integrada à EJA: A produção intelectual sobre o currículo integrado*. In: Ministério da Educação. *Ensino médio integrado à educação profissional: integrar para quê?* Brasília, 2007.

MOITA-LOPES, L. P. *Inglês no mundo contemporâneo: Ampliando oportunidades sociais por meio da educação*. Texto básico apresentado no simpósio *Inglês no mundo contemporâneo: ampliando oportunidades sociais por meio da educação*, patrocinado pela TESOL International Foundation. São Paulo: Centro Brasileiro Britânico. 25-26 de abril de 2005.

MOITA-LOPES, L.P. *A Nova Ordem Mundial, Os Parâmetros Curriculares Nacionais e o Ensino de Inglês no Brasil: A Base Intelectual para uma Ação Política*. In: BÁRBARA, L. & RAMOS, R. (orgs). *Reflexão e Ações no Ensino-Aprendizagem de Línguas*. Mercado de Letras, 2003, p. 28-57.

MOTA, K. *Incluindo as diferenças, resgatando o coletivo – novas perspectivas multiculturais no ensino de línguas estrangeiras*. IN: MOTA &

SCHEYREL (Org.) Recortes Interculturais na sala de aula de língua estrangeira. Salvador: EDUFBA, 2004. p.35-60.

NERY, Alfredina. *Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Educação Física e Educação artística- Ensino Fundamental*. As áreas do conhecimento contempladas no ENCCEJA, Brasília, DF, 2002. V.2.

OLIVEIRA, Marta Khol: *Psicologia da Educação, Filosofia da Educação, Educação Pré-Escolar, Educação de Adultos* – Editora Scipione, 1993.

PAIVA, V.L.M.O. *A identidade do professor de inglês*. APLIEMGE: Ensino e pesquisa. Uberlândia: APLIEMGE/FAPEMIG, n.1, 1997. p. 9-17. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/identidade.htm>; Acesso: 03 de março de 2009.

PENA, Geralda Aparecida de Carvalho. *O PROEJA no contexto das políticas públicas atuais: a busca pelo direito dos jovens e adultos à educação profissional técnica de nível médio*. CEFET, Ouro Preto, MG e Universidade Presidente Antônio Carlos, Mariana - MG. Programas de inclusão social na EJA, 2007.

PESSOLANO, Juliana. *Pedagogia de projeto e cultura de ensinar-aprender Língua Inglesa: Algumas reflexões*. 01/06/2003 1v. 246p. Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria – Educação / Orientador(es): Marcos Gustavo Richter / Biblioteca Depositária: Central e Setorial, disponível em: <http://servicos.capes.gov.br/capesdw>. Acesso em: 03 de abril de 2009.

PRIGOL, Cassilda Salete. *Tempos e espaços de produção de saberes de alunos da educação de Jovens e Adultos (EJA)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2006. Disponível em: [http://bdtd.unisinos.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=280](http://bdtd.unisinos.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=280). Acesso em: 29 de julho de 2009.

RAJAGOPALAN, K. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil: por uma política prudente e propositiva. In: LACOSTE, Y. & RAJAGOPALAN, K. (orgs). *A Geopolítica do Inglês*. Parábola Editorial, 2005, p. 135-159.

RIBEIRO, V. M. M. (coord.). *Educação para jovens e adultos: Ensino fundamental – Proposta curricular – 1º segmento*. Brasília, Ação Educativa / MEC, 1999.

ROCHA, Denise Farias; A importância do inglês no Brasil; Disponível em: <http://www.omelhoringles.com/artigo3.php>, Acesso em: 03 de abril de 2009.

RUIZ, Ana Paula. *Jornal Carreira & Sucesso*. 62ª ED.; 02 de janeiro de 2001; Edição Quinzenal. Reportagem: "A importância do idioma na carreira." Disponível em: [http://www.catho.com.br/jcs/inpuer\\_view.phtml?id=1243](http://www.catho.com.br/jcs/inpuer_view.phtml?id=1243) Acesso em: 05 de março de 2009.

SANTOS, Lucíola Licínio de C. P. Santos *As Relações Sociais Na Escola e a Formação do Trabalhador* (Trabalho Formação e Currículo p.63) Editora Xamã, 1999.

SANTOS, Gilvan dos. Educação Escolar atual. Ministério da Educação, 2007. Disponível em: <http://pedagogiarn.blogspot.com/>. Acesso em: 27 de julho de 2009.

SIQUEIRA, Sávio. O desenvolvimento da consciência cultural crítica como forma de combate à suposta alienação do professor brasileiro de inglês. In: Revista Inventário. 4. ed., jul/2005. Disponível no web world wide em: <http://www.inventario.ufba.br/04/04ssiqueira.htm>; Acesso em: 03 de abril de 2009.

SCHÜTZ, Ricardo. *O que significa “aprender inglês”?* . 16 de julho de 2008. Disponível em: <<http://www.exploringabroad.com/pt/significa-ingles.htm>> Acesso em: 28 de fevereiro de 2009.

SURDI, Mary Stela e BOLIS, Leila Claudia Tosi. *A aula de língua portuguesa na educação de jovens e adultos em Chapecó, SC.* Unochapecó, 2005.

VYGOTSKY, Lev Semenovich: *Pensamento e Linguagem*, Luj Oliveira, Marta Khol: *Aprendizado e Desenvolvimento um Processo Sócio-Histórico* – Editora Scipione, 1993.